



PRÓLOGO

Tudo começou com um crime. O roubo de um rapaz.

Não foi apresentado como crime. Aliás, o homem responsável pelo plano era soldado, o capitão do Esquadrão da Seta, encarregado de proteger o Rei de Castellane e de fazer com que as leis que este lançava eram cumpridas.

Tinha uma extrema aversão a criminosos.

O seu nome era Aristide Jolivet, e ao levantar a mão para bater com força na porta do orfanato, a grande e quadrada ametista na sua mão esquerda cintilou ao luar. Nela estava gravado um leão, o símbolo da cidade. Parecia rugir.

Silêncio. Jolivet franziu o sobrolho. Não era um homem que gostasse de esperar, nem era frequente ter de o fazer. Olhou para trás, onde o caminho estreito rasgado no desfiladeiro caía para o mar. Ele sempre pensara que aquele era um sítio estranho para um orfanato. Os penhascos que se elevavam acima da baía norte de Castellane eram entalhados, salpicados de cicatrizes, qual rosto de um sobrevivente de varicela, e revestidos com uma fina camada de seixos soltos e miúdos. Era fácil perder o equilíbrio ali em cima, e, todos os anos, cerca de dez pessoas perdiam a vida, caindo dos penhascos para o mar verde lá em baixo. Depois disso, nenhuma conseguira chegar à costa, porque, ainda que sobrevivesse à queda, os crocodilos que se escondiam abaixo da superfície da água conheciam o significado de um grito e de um chape.

Contudo, a Casa dos Órfãos de Aigon sempre conseguira impedir que a maior parte das suas crianças, se não todas, fosse devorada. Tendo em conta o habitual destino das crianças sem pais que viviam nas ruas da cidade, eram boas perspetivas. Um lugar no Orfelinat era cobiçado.

Jolivet fez má cara e voltou a bater. O som fez eco, como se fossem as próprias pedras a bater. A fachada de granito do orfanato sobressaía da face do penhasco, rodeada por uma única parede verde-acinzentada. O Orfelinat

não ficava em cima dos penhascos, fazia parte deles. Fora outrora uma espécie de fortaleza, no tempo do antigo império. De facto, a porta onde Jolivet batia tinha gravadas palavras sumidas na velha língua de Magna Callatis. Não significavam nada para ele. Nunca vira a utilidade de saber uma língua que já ninguém falava.

A porta abriu-se. A mulher do outro lado, vestida com o azul e o branco de uma Irmã de Aigon, olhou para Jolivet, reconheceu-o, mas ficou apreensiva.

— As minhas desculpas por ter esperado, Legado — disse ela. — Não sabia que voltaria hoje.

Jolivet inclinou a cabeça educadamente.

— Irmã Bonafilia — disse ele. — Posso entrar?

Ela hesitou, embora Jolivet não soubesse porquê. A questão era uma mera formalidade. Se ele queria entrar no Orfelinat, não havia nada que ela ou qualquer uma das irmãs pudesse fazer para o impedir.

— Pensei que — disse ela —, quando cá veio e depois se foi, isso significasse que não encontrara o que queria aqui.

Ele olhou para ela mais de perto. A irmã Bonafilia era uma mulher pequena e bem arranjada, com feições ossudas e mãos ásperas. A sua roupa era simples, lavada muitas vezes e usada novamente.

— Vim cá para ver o que havia para ver — disse ele. — relatei as minhas descobertas ao Palácio. Voltei por ordem deles. Por ordem do *Rei*.

Ela hesitou mais um instante, com a mão na ombreira da porta. O Sol já começara a pôr-se: era inverno, afinal de contas, a estação seca. As nuvens congregadas no horizonte tinham iniciado a sua transformação em rosas e ouro. Jolivet voltou a fazer má cara; esperava concluir a sua missão antes de anoitecer.

A irmã Bonafilia inclinou a cabeça.

— Muito bem.

E recuou para deixar Jolivet passar da soleira da porta. Lá dentro havia um átrio de granito oco, o teto decorado com azulejos esbatidos em verde e dourado, as cores do antigo império, desaparecido há mil anos. Os retratos das Irmãs Sagradas, nos seus puídos hábitos de linho, estavam pendurados nas paredes, a olhar fixamente. O chão de pedra estava gasto e deixara de ser liso com a passagem dos anos; agora afundava-se e inclinava-se como a superfície de um oceano. Uma escada de pedra dava para o piso superior, seguramente para os dormitórios das crianças.

Várias crianças — raparigas, não mais de onze ou doze — desceram as escadas. Pararam, de olhos esbugalhados, ao verem Jolivet na sua farda cintilante de vermelho e dourado e com a espada cerimonial ao lado do corpo.

As raparigas voltaram rapidamente para cima, silenciosas como ratos sob o olhar fixo de um gato. Pela primeira vez, a compostura da irmã Bonafilia começou a falhar.

— Por favor — disse ela —, vir aqui assim assusta as crianças.

Jolivet fez um leve sorriso.

— Não preciso de ficar muito tempo, se a irmã colaborar com as ordens do Rei.

— E quais são essas ordens?

Kel e Cas andavam a brincar às batalhas de piratas na lama. Era uma brincadeira que eles tinham inventado e que exigia poucos utensílios — apenas paus e vários berlindes estimados, que Kel ganhara a alguns dos rapazes mais velhos em jogos de cartas. Kel estava a fazer batota, como sempre, mas Cas nunca parecia importar-se. Fosse como fosse, concentrava-se totalmente no jogo, com as madeixas do seu cabelo loiro-escuro a caírem para o seu rosto sardento enquanto ele fazia cara feia e engendrava a manobra seguinte do seu navio.

Poucos minutos antes, a irmã Jenofa enxotara-os, juntamente com a maior parte dos outros rapazes do seu dormitório, para fora do jardim. Não disse porquê, só os instigou a irem brincar. Kel não questionou. Normalmente, àquela hora, estaria no lavatório, a esfregar o rosto com sabão áspero, preparando-se para o jantar. «Uma alma limpa num corpo limpo», gostava de dizer a irmã Bonafilia. «Saúde é riqueza, e eu desejo que todos vocês sejam ricos.»

Kel empurrou o cabelo para trás. Estava a ficar comprido: em breve, a irmã Bonafilia iria dar conta, agarrá-lo e cortá-lo com uma tesoura da cozinha, murmurando com os seu botões. Kel não se importava. Sabia que ela tinha um carinho especial por ele, porque muitas vezes não se poupava a esforços para lhe dar às escondidas doces da cozinha, e só gritava com ele um bocadinho quando ele era apanhado a trepar as rochas mais perigosas, as que se projetavam sobre o mar.

— Está a ficar escuro — disse Cas, franzindo os olhos para o céu, que estava a ganhar um tom mais intenso de violeta.

Kel gostava de ver o mar dali. Era a única coisa que nunca o aborrecia, olhar o mar. Já tentara explicar a Cas — que estava sempre a mudar, que tinha uma cor diferente todos os dias, que a luz mudava ligeiramente —, mas Cas só encolhia os ombros com bonomia. Não precisava de perceber por que motivo Kel fazia as coisas que fazia. Kel era seu amigo, por isso, estava tudo bem.

— Porque achas que elas nos querem aqui?

Antes de Kel conseguir responder, duas figuras surgiram pela arcada que ligava o jardim murado à fortaleza principal. (Kel chamava-lhe «fortaleza», não «orfanato»). Era muito mais elegante viver numa fortaleza do que num lugar para onde se ia porque ninguém nos queria.)

Uma das figuras era a irmã Bonafilia. A outra era conhecida de quase todos os habitantes de Castellane. Um homem alto, com uma casaca de botões de latão, que tinha pintado sobre o peito o selo de duas setas em conflito. As suas botas e os braçais tinham tachas cravadas. Ele surgia a cavalo à frente do Esquadrão da Seta — os soldados mais altamente treinados do Rei — quando desfilavam pela cidade em dias de festa ou em celebrações. As pessoas da cidade chamavam-lhe Águia do Outono, e, de facto, o homem parecia uma espécie de ave de rapina. Era alto e esguio, o seu rosto ossudo marcado por várias cicatrizes, que sobressaíam na sua pele morena.

Era o legado Aristide Jolivet, e aquela era a segunda vez que Kel o via no Orfelinat. O que era estranho. Que ele soubesse, os líderes militares não visitavam orfanatos. Mas, menos de um mês antes, os rapazes estavam a brincar no jardim, como hoje, quando Kel olhara de relance para a fortaleza e vira um lampejo de vermelho e dourado.

Sempre se sentira fascinado por Jolivet, que muitas vezes aparecia como vilão nas suas brincadeiras com Cas, um pirata e caçador de ladrões que, quando apanhava um criminoso inocente, o fechava na Prisão de Tully e o torturava para lhe arrancar informações. Não que Kel ou Cas alguma vez quebrassem, claro; um bufo era a pior coisa que se podia ser.

Enfim, Kel reconhecera Jolivet imediatamente e apressara-se a levantar-se. Quando chegou à fortaleza, Jolivet já se fora embora, e quanto ele perguntou à irmã Bonafilia se o Legado lá estivera, ela disse-lhe que não fosse tonto e que parasse de imaginar coisas.

Então, um silêncio abateu-se sobre os rapazes no jardim, quando Jolivet, em sentido, estudava a cena com os seus olhos pálidos, pousando

o olhar num rapaz (Jacme, atarefado a puxar tiras do eucalipto «casca de pó»), depois noutro (Bertran, o mais velho do grupo de dez). Passou por Cas e foi parar em Kel.

Após um longo e enervante momento, ele sorriu.

— Ali — disse ele. — É aquele.

Kel e Cas trocaram um olhar espantado. *Qual?*, articulou Cas com os lábios, mas não havia tempo para discussões. O que houve foi uma mão no braço de Kel, puxando-o até ele se levantar.

— Tens de vir. — Era Bonafilia e a sua mão bem apertada. — Não arranjes problemas, Kel, por favor.

Kel ficou irritado. Não era arruaceiro. Bom, houvera aquela coisa com o pó explosivo e a torre norte, e aquela vez em que ele fizera Bertran caminhar na prancha para fora do muro do jardim e o idiota partira um osso do pé. Mas não era nada que não pudesse ter acontecido a qualquer um.

Ainda assim, o rosto da irmã Bonafilia estava tenso de preocupação. Com um suspiro, Kel entregou o seu berlinde a Cas.

— Toma conta dele até eu voltar.

Cas anuiu e guardou, com pompa, a bola de vidro num bolso do colete. Não pensava, claramente, que Kel estaria fora mais do que uns minutos. Kel também não pensava isso, embora começasse a interrogar-se. O modo como a irmã Bonafilia o levava apressadamente pelo jardim não lhe parecia bem. Nem a forma como o Legado o examinou quando ele se aproximou, dobrando-se para analisar Kel como se procurasse a resposta para um mistério. Até inclinou o rosto de Kel para cima a fim de o examinar mais de perto, desde o seu cabelo preto encaracolado até aos olhos azuis e ao queixo obstinado.

Ele franziu o sobrolho.

— O rapaz está sujo.

— Ele estava a brincar na lama — disse a irmã Bonafilia. Kel perguntou-se por que razão os adultos pareciam gostar de trocar observações sobre coisas que eram óbvias. — Coisa que ele faz com frequência. Ele gosta de estar enlameado.

Kel sentiu os primeiros sinais de alarme. Não estava mais sujo do que qualquer um dos outros rapazes; porque tinha a irmã Bonafilia um ar tão estranho e porque falava de um modo tão estranho? Mas manteve a boca calada, enquanto saíam do jardim, com o Legado à frente e Bonafilia a orientar Kel pela velha fortaleza em passo rápido. Ela murmurava algo baixinho.

Aigon, tu que rodeias a Terra de água, que imperas sobre os navios que navegam com rapidez, concede à tua filha a segurança da sua missão.

Estava a rezar, percebeu Kel, e sentiu-se alarmado outra vez, agora ainda mais.

Quando chegaram ao átrio da frente, ele viu, com surpresa, que as portas estavam abertas. Através delas, como que enquadrado num retrato, viu o Sol afundar-se rapidamente no mar. O céu projetava um rubor quente sobre a água azul-clara. No horizonte, Kel viu as torres da Tyndaris afundada, pintadas da cor do vinho.

Aquela cena distraiu-o e ele perdeu a noção do tempo, como por vezes acontecia quando olhava para coisas bonitas. Quando voltou ao presente, percebeu que estava entre as rochas escarpadas fora do Orfelinat, ladeado pela irmã Bonafilia de um lado e Jolivet do outro, com a sua farda vermelha e dourada a brilhar como o sol-pôr.

Também havia um cavalo. Kel olhou para ele horrorizado. Já vira cavalos ao longe, claro, mas nunca de tão perto. Era enorme, elevando-se até ao céu, os lábios enrolados sobre dentes brancos duros. Era preto como a noite, com olhos pretos que se reviravam.

— É verdade — disse o Legado, tomando o silêncio de Kel por admiração. — Nunca montaste um cavalo, diria eu. Vais gostar.

Kel não achava que fosse gostar. Deu por si a não se importar quando a irmã Bonafilia o puxou para mais perto dela, como se ele fosse uma criança. (Kel não se considerava uma criança. As crianças eram outra coisa, despreocupadas e tontas, nada como os órfãos.)

— Tem de dizer que ele será bem tratado — exclamou a irmã Bonafilia na voz que raramente usava, que deixava os órfãos a chorar. — Ele é tão novo para ser levado para trabalhar no Palácio... — Endireitou as costas. — Ele é um filho de Aigon e está sob a proteção do deus, Legado. Lembre-se disso.

Jolivet mostrou os dentes num sorriso.

— Ele será tratado como se fosse da família, irmã — disse ele, e esticou-se para Kel.

Kel respirou fundo. Ele sabia lutar, arranhar e dar pontapés. Já recuara o pé para dar uma biqueirada feroz na canela do Legado quando viu o ar da irmã Bonafilia. Nem queria acreditar na mensagem que leu nos seus olhos, mas ela estava lá, tão clara como os contornos de um navio no horizonte.

Não lutes nem chores. Deixa que ele te leve.

Kel fez corpo mole quando Jolivet o puxou para cima. Peso morto. Mas isso não perturbou o Legado, que o colocou em cima do monstruoso cavalo. O estômago de Kel revirou-se quando o mundo ficou de pernas para o ar; quando voltou a endireitar-se, ele estava bem sentado na sela do animal, agarrado por braços rijos. Jolivet elevara-se atrás de Kel e as suas mãos agarravam nas rédeas.

— Agarra-te bem — disse ele. — Vamos ao Palácio falar com o Rei.

Talvez a sua intenção fosse fazer com que parecesse uma aventura animada, mas Kel não sabia, nem queria saber. Já se inclinara para um lado do cavalo e vomitara para o chão.

Depois disso, a partida do Orfelinat foi precipitada. Jolivet resmungava em tom sombrio — ficara com vomitado nas botas —, mas Kel sentia-se demasiado triste e doente para se preocupar. Houve muito balanço, e Kel tinha a percepção de que, de cada vez que o cavalo mexia a cabeça, planeava mordê-lo. Manteve-se no seu estado de alerta elevado enquanto passavam pelos penhascos até ao Recife, a estrada que percorria as docas, contra as quais batiam as ondas escuras do porto.

Kel estava convencido de que nunca, em momento algum, desenvolveria afeto pelo cavalo no qual ia sentado. Ainda assim, a vista em cima do seu dorso era impressionante ao galoparem pela cidade. Ele passara muito tempo a olhar para cima, para as multidões que enchiam as ruas da cidade, mas agora, pela primeira vez, olhava-as de cima para baixo. Todas as pessoas — filhos de mercadores ricos com roupas garridas, estalajadeiros e trabalhadores das docas a arrastarem-se até casa depois do trabalho, marinheiros de Hanse e Zipangu, mercadores de Marakand e Geumjoseon — abriam caminho para Jolivet passar.

Era de facto muito emocionante. Kel começou a sentar-se mais direito à medida que subiam a avenida larga da Ruta Magna, que percorria a boca do porto até ao Desfiladeiro Estreito, cortando pelas montanhas que separavam Castellane do seu reino vizinho, Sarthe. Quase se esquecera de que se sentira enjoado, e a sua excitação só cresceu quando se aproximaram da Grande Colina sobranceira à cidade.

Penhascos e colinas rodeavam a cidade portuária, e Castellane aninhava-se no fundo do vale como um ouriço relutante a tirar o nariz fora da segurança da sua toca. Mas não era uma cidade escondida. Espalhava-se — e como se espalhava — desde os mares ocidentais até ao Desfiladeiro

Estreito, cada seu pedacinho apinhado, barulhento, sujo, a gritar e cheio de vida.

Tal como a maioria dos cidadãos de Castellane, Kel vivera à sombra da Grande Colina, mas nunca tivera esperança de lá pôr os pés, muito menos de chegar ao cume, onde ficava o Palácio de Marivent. Era na Colina — na verdade, era uma cadeia de picos de calcário baixos, cobertos com um emaranhado de pinheiros e alfazema — que vivia a nobreza, com as suas vastas propriedades espalhadas pelas vertentes. «Os ricos vivem lá em cima, e os pobres em baixo», ouvira Kel a irmã Bonafilia dizer, uma vez. Não era uma metáfora. Quanto mais rico se era, maior a casa e mais perto do Palácio, que ocupava o ponto mais alto da cidade.

Os nobres gostavam dos seus prazeres e, por vezes, os sons dos seus divertimentos desciam até à cidade, à noite. As pessoas piscavam o olho umas às outras nas ruas e diziam coisas como «Parece que Lord Montfaucon começou a beber outra vez», ou: «Então, Lady Alleyne livrou-se do terceiro marido, não foi?» Quando se era rico, toda a gente sabia da nossa vida e deliciava-se com ela, embora não nos conhecesse de todo.

Saíram da Ruta Magna e percorreram as ruas escurecidas da cidade, até que chegaram ao sopé da Colina. Guardas do castelo com fardas vermelhas juntaram-se à volta do caminho; a sua função era impedir que pessoas indesejáveis tivessem acesso à Colina. Jolivet segurou em Kel bem firme na sela ao passarem pelo posto de controlo, com os archotes dos guardas a arderem enquanto eles fitavam, curiosos, o rapaz. Deviam estar a perguntar-se se o Esquadrão da Seta apanhara um criminoso muito pequeno e, se sim, porque se dava ao trabalho de o levar para Marivent. A maior parte dos transgressores da lei, independentemente da idade, estava destinada a uma curta viagem até à forca do Tully.

Um dos guardas fez uma vénia ligeiramente trocista.

— O Rei está à sua espera.

Jolivet limitou-se a rosar. Kel começava a ter a impressão de que ele não falava muito.

O caminho até ao Palácio subia serpenteante e íngreme pela vertente ao longo de um terreno de alfazema, salva e erva-doce, que pintavam a montanha de verde-escuro no verão. Ao chegarem ao topo da montanha, o enorme cavalo resfolegou, Kel olhou para baixo e viu a cidade de Castellane estendida diante deles: o crescente do porto, os navios iluminados como cabeças de fósforos espalhadas. Os canais do Bairro do Templo.

As linhas direitas das Ruas da Prata. A cúpula branca do Tully, o refulgir do relógio no topo da Torre de Vento, onde se elevava, carrancudo, sobre a maior praça da cidade. A zona murada da Catarata, onde viviam os Ashkar. A Ruta Magna a atravessar a cidade como a cicatriz decorrente de um duelo.

Kel devia estar a olhar fixamente, porque Jolivet abanou-o. Estavam a passar pela Porta Norte do Palácio, por onde entravam os convidados. Os galhardetes presos no topo da porta indicavam quais os dignitários estrangeiros que estavam de visita, se é que os havia. Naquele momento, a bandeira azul de Sarthe, com a sua águia branca, esvoaçava ao vento salgado.

Ao perto, Kel conseguia ver que a textura dos muros brancos era áspera, não macia, e eles brilhavam devido a pedaços de cristal. Um rapaz seria capaz de subir um muro como aquele, se fosse ágil e determinado. Rocha áspera significava apoios para as mãos e para os pés. Kel sempre fora bom a escalar rochas no porto. O seu sonho era um dia entrar para os Rastejantes: carteiristas da Coelheira que, dizia-se, eram capazes de trepar qualquer muro, fosse ele liso ou não.

Jolivet abanou-o novamente.

— Senta-te direito, Kellian Saren — disse ele. — Estás prestes a conhecer a família real.

— A quê?

Jolivet riu-se.

— É verdade. O Rei e a Rainha de Castellane estão à tua espera

Kel não sabia que reação esperava Jolivet. Entusiasmo, talvez? Mas ele enrolou-se imediatamente como um bicho-de-conta. Jolivet puxou-o até ele ficar direito. Estavam a entrar num enorme pátio quadrado.

Kel teve a impressão turva de ver paliçadas em arco, com o maciço do Palácio a erguer-se atrás deles. Havia por toda a parte guardas do castelo, cuja função era proteger o Palácio, em librés vermelhas e douradas, nas mãos archotes de madeira perfumada, que emanava fumo cheiroso e faíscas brilhantes para o ar. Criados, de túnicas com o brasão do leão da família real, andavam de um lado para o outro, apressados, com salvas de vinho, fruta e chocolates; outros levavam flores e arranjos de penas de pavão presas com cordel dourado.

Kel ouvia risos e conversas dentro do Palácio. Duas imponentes portas de bronze tinham sido abertas para o pátio e para o ar suave do entardecer.

Um homem alto, não vestido com libré, estava de pé no arco da entrada, observando Kel e o seu captor com os olhos semicerrados.

Jolivet tirou Kel da sela como se fosse um vendedor ambulante a tirar um saco de cebolas de um carrinho de mão. Pousou Kel de pé e colocou as suas grandes mãos nos ombros do rapaz. Havia um toque de perplexidade na sua expressão quando ele olhou para baixo.

— Estás a perceber o que se passa, pirralho? Estás aqui para prestar um serviço ao Rei de Castellane.

Kel tossiu. Ainda lhe doía a garganta de ter vomitado.

— Não — disse ele.

— Como assim, não?

O Rei era uma figura quase mítica em Castellane. Ao contrário da Rainha, raramente saía do Palácio, e quando saía, era para eventos cerimoniais: o Casamento com o Mar, o anual Discurso da Independência na Praça Valerian. A Kel fazia lembrar o leão da bandeira de Castellane: dourado e imponente. Não seria certamente alguém que falaria com pirralhos órfãos sem família que se conhecesse.

— Não, obrigado — disse Kel, lembrando-se das maneiras que a irmã Bonafilia lhe tentara ensinar. — Preferia não falar com o Rei. Preferia ir para casa.

Jolivet levou os olhos ao céu.

— Deuses do alto. O rapaz é simples.

— Aristide?

Uma voz suave. Vozes suaves eram como mãos suaves: pertenciam a pessoas nobres, daquelas que não precisavam de gritar para se fazer ouvir. Kel olhou para cima e viu o homem da entrada: alto, magro e com barba, cabelo grisalho espesso e feições aquilinas. Maços do rosto pronunciadas faziam sombra a bochechas encovadas.

Kel percebeu, de repente, porque não estava o homem de libré. Usava uma simples capa cinzenta e uma túnica, a habitual veste dos Ashkar. À volta do pescoço pendia um medalhão de prata numa corrente, delicadamente gravado com um padrão de números e letras.

Kel não tinha bem a certeza do que significava ser ashkar, mas sabia que não eram como as outras pessoas. Eram capazes de fazer pequenas formas de magia, embora quase toda a magia tivesse desaparecido do mundo após a Separação, e eram famosos pela sua capacidade típica dos médicos de curar.

Dado que não reconheciam Aigon nem os outros deuses, por lei eram obrigados a viver dentro das portas da Catarata. Não lhes era permitido deambular livremente em Castellane após o pôr do Sol, o que só podia querer dizer que aquele homem era a única exceção à regra: o Conselheiro do Rei. Kel ouvira falar dele apenas vagamente: uma figura um tanto sombria que aconselhava a corte. Os Conselheiros eram sempre ashkar, embora Kel não soubesse porquê. A irmã Jenova dissera que era por os Ashkar serem astutos por natureza. Mas ela também dissera outras coisas menos simpáticas: que eram perigosos, desonestos, diferentes. Mas quando Cas tivera uma febre escaldante, a irmã Jenova correrá até à Catarata e acordara um médico ashkar, esquecendo-se, aparentemente, das vezes em que dissera que eles não eram de confiança.

O homem foi curto e grosso.

— Eu levo o rapaz. Deixa-nos, Aristide.

Jolivet arqueou uma sobrancelha.

— Boa sorte, Bensimon.

Enquanto Jolivet se afastava devagar, o ashkar — Bensimon — esticou um dedo na direção de Kel.

— Anda.

E conduziu Kel para dentro do Palácio.

A primeira impressão de Kel foi de que tudo em Marivent era enorme. Os corredores do Palácio eram da largura de quartos, as escadarias mais grandiosas do que navios. Os átrios ramificavam-se em milhares de direções, quais ramos de coral.

Kel imaginara que lá dentro seria tudo branco, tal como por fora, mas as paredes estavam pintadas em tons maravilhosos de azul e ocre, verde-mar e alfazema. Os móveis eram delicados e pareciam joias, como se tivessem espalhado escaravinhos brilhantes pelas divisões. Até as portas, entalhadas e pintadas com imagens de jardins em flor, eram finamente trabalhadas. Nunca ocorrera a Kel que o interior de um edifício, por mais grandioso que fosse, pudesse ser tão bonito como um pôr do Sol. De certo modo, aquilo acalmou o seu coração acelerado. Num lugar tão encantador não podiam certamente ocorrer coisas terríveis.

Infelizmente, teve poucas hipóteses de ficar a ver. Bensimon parecia não ter noção de que escoltava uma criança e não abrandou para aguardar por Kel. Pelo contrário, este teve de correr para o acompanhar.

Parecia irónico, tendo em conta que ele era o único que não queria estar no sítio para onde iam, fosse lá isso onde fosse.

A intervalos regulares ao longo da parede resplandecia a luz de archotes aparafusados, cada um a um nível mais alto do que Kel conseguia chegar. Finalmente, chegaram a umas gigantescas portas duplas cobertas com painéis em folha de ouro, cada um tendo gravada uma cena da História de Castellane: a derrota da frota dos navios do império, o naufrágio do Tyndaris, o Rei a apresentar os primeiros Forais ao Conselho, a construção do relógio da Torre de Vento, os incêndios da Peste Escarlata.

Ali, Bensimon parou finalmente.

— Vamos entrar na Galeria Cintilante — disse ele. — Não é bem a sala do trono, é um lugar cerimonial. Mostra respeito.

A primeira impressão de Kel ao entrar na Galeria Cintilante foi uma brancura ofuscante. Ele nunca vira neve, mas ouvira falar de caravanas de mercadores que ficavam presas em bancos compactos dessa coisa quando tentavam atravessar os picos gelados a norte de Hind. Branco, diziam eles: brancura por toda a parte e um frio capaz de quebrar ossos.

Na Galeria, as paredes eram brancas, o chão era branco e o teto era branco. Tudo era feito da mesma pedra branca das paredes do Palácio. Ao fundo, que parecia tão grande como uma caverna, havia um estrado elevado, no qual rangia uma mesa de madeira trabalhada e dourada sob o peso de copos de cristal, pratos de alabastro e delicados cálices de porcelana.

Kel deu-se conta de que tinha fome. *Raios!*

Bensimon fechou as portas e voltou a encarar Kel.

— Daqui a uma hora — disse ele —, este salão estará cheio com as famílias nobres de Castellane. — Fez uma pausa. — Presumo que saibas o que é o Conselho dos Doze... As Casas dos Forais?

Kel hesitou, apesar da raiva por ter sido chamado de ignorante. Talvez fosse melhor deixar que Bensimon pensasse que ele era ignorante. Talvez o mandassem de volta para casa. Mas Bensimon provavelmente perceberia que ele estava a fingir. Em Castellane, toda a gente sabia dos nobres da Colina e sobretudo das Famílias dos Forais. Os seus nomes e posições eram tão do conhecimento geral como os nomes das ruas da cidade.

— Cazalet — disse ele. — Roverge. Alleyne. Não sei o nome de todas, mas toda a gente as conhece. Vivem na Colina. Têm Forais — lembrou-se

das lições da irmã Bonafilia, semicerrando os olhos à procura das palavras —, que são... hum... autorizações especiais do Rei para controlar o comércio das Rotas do Ouro.

(Kel não acrescentou que Bonafilia descrevera aquilo como «um plano podre para tornar os ricos mais ricos, sem qualquer proveito para os mercadores comuns de Castellane».)

— E nos mares, sim — disse Bensimon. — Lembra-te de que cada casa tem o seu próprio foral: a Casa Raspail controla o comércio da madeira, a Alleyne o da seda. Um foral é, por si só, algo valioso, concedido pelo Rei ou anulado a seu bel-prazer. — Suspirou, passando as mãos pelo cabelo cortado à escovinha. — Mas não temos tempo para lições. Eu compreendo que não queiras estar aqui. É uma pena. És cidadão de Castellane, correto? Mas tens ascendência marakand, talvez, ou hind?

Kel encolheu os ombros. Já se perguntara o mesmo muitas vezes, dado que a sua pele morena era um pouco mais escura do que o tom moreno comum em Castellane, mas ao contrário de algumas das outras crianças do Orfelinat, que conheciam a sua ascendência, ele não tinha respostas.

— Eu nasci aqui. Os meus pais, não sei. Nunca os conheci.

— Se nasceste aqui, então deves fidelidade ao Rei e à cidade — disse Bensimon. — Tens — franziu o sobrolho — dez anos, correto? Deves saber da existência do Príncipe Herdeiro.

Kel desenterrou o nome algures nas profundezas da sua mente.

— Conor — respondeu ele.

As sobrancelhas de Bensimon ergueram-se até à linha dos seus espessos caracóis grisalhos.

— *Príncipe* Conor — corrigiu. — Hoje, uma delegação de Sarthe virá visitar Marivent. Como talvez saibas, ou não, há algum tempo que se verifica uma tensão entre os nossos reinos.

Sarthe e Castellane eram vizinhos e discutiam com frequência por causa de impostos, produtos e acesso às Rotas do Ouro. Os marinheiros das docas, na sua maioria, referiam-se aos Sarthians como «aqueles filhos da mãe da fronteira».

Kel suponha que era isso que tensão significava.

— Como de costume, o Rei, sempre a pensar nos melhores interesses dos cidadãos de Castellane, procura a paz com os nossos vizinhos. Entre os... ah... *tesouros* políticos da nossa cidade está o nosso Príncipe Herdeiro Conor. É sempre possível que, a qualquer altura, o Rei deseje formar uma

aliança entre o seu filho e o da família real de Sarthe. Por esse motivo, é importante que, mesmo na sua tenra idade, o príncipe Conor esteja presente no banquete desta noite. Infelizmente, está indisposto. — Olhou atentamente para Kel. — Estás a acompanhar?

— O Príncipe está doente, por isso, não pode ir a uma festa — disse Kel. — Mas o que tem isso a ver comigo?

— O Príncipe não pode passar a mensagem de que está ausente do evento de hoje. Por isso, tu vais tomar o seu lugar.

O salão pareceu virar-se de pernas para o ar.

— Eu vou fazer o *quê*?

— Vais tomar o seu lugar. Não se espera que ele fale muito. Tu és mais ou menos da altura dele, da idade dele, tens o mesmo tom de pele. A mãe, a Rainha, é marakand, como certamente saberás. Nós vamos lavar-te e vestir-te como um príncipe se deve vestir. Vais sentar-te e ficar calado durante o jantar. Não falas nem atraís as atenções. Podes comer o que quiseses, desde que não fiques enjoado. — Bensimon cruzou os braços sobre o peito. — No fim da noite, se a tua prestação for satisfatória, ser-te-á dada uma bolsa de coroas de ouro para leares para as Irmãs de Aigon. Se não, só ganhas uma descompostura. Percebeste o plano?

Kel percebia planos. Percebia receber uma moeda ou duas por levar uma mensagem para as Irmãs, ou a recompensa de uma maçã ou de uma guloseima por ir buscar um pacote a um navio e entregá-lo em casa de um mercador. Mas o conceito de uma coroa de ouro, ainda por cima uma bolsa delas, estava para lá da sua compreensão.

— As pessoas devem saber como é o Con... príncipe Conor — disse Kel. — Não se vão deixar enganar.

Bensimon tirou algo do bolso. Era um retângulo oblongo de prata martelada numa corrente, não diferente do que o Conselheiro usava ao pescoço. Gravado nele e realçado pela chama do fogo havia um delicado padrão de números e letras. Era magia ashkar. Só os ashkar sabiam manipular e combinar letras e números de modo a extrair encantamentos do desenho; só os Ashkar, na verdade, sabiam fazer qualquer tipo de magia. Era assim desde a Separação.

Com pouca cerimónia, Bensimon passou a corrente pela cabeça de Kel, deixando a chapinha ficar abaixo da gola da sua túnica puída.

— Isto vai fazer-me parecer o Príncipe? — perguntou Kel, tentando espreitar para debaixo da camisa.

— Nem por isso. O que vai fazer é tornar quem olhar para ti, que já vê um rapaz parecido com o nosso Príncipe Herdeiro na cor da pele e na estatura, mais inclinado a encarar-te como o príncipe Conor. A ouvir a sua voz quando falares. Os teus olhos estão errados — acrescentou ele, meio para si mesmo —, mas não importa; as pessoas veem o que esperam ver, e elas esperam ver o Príncipe. Não vai mudar fisicamente as tuas feições, percebes? Só vai mudar a visão de quem olha para ti. Ninguém que saiba realmente quem tu és será enganado, mas todos os outros sim.

De certa forma, Kel percebia. Havia histórias sobre como era a magia antes da Separação, quando um feitiço podia dividir uma montanha ou transformar um homem num dragão. Agora, a magia — a magia ashkar, talismãs, amuletos e cataplasmas, à venda na Praça do Mercado da Carne — era uma sombra de uma sombra do que fora outrora. Conseguia inclinar, convencer e orientar, mas não mudar a substância das coisas.

— Sugiro — disse Bensimon — que, nesta conjectura, tu fales.

Kel puxou, desajeitado, a corrente que tinha ao pescoço.

— Não quero fazer isso — disse ele. — Mas ná tenho escolha, pois não?

Bensimon fez um ligeiro sorriso.

— Não tens. E não digas *ná*. Pareces um rato de esgoto das docas da Coelheira.

— Mas eu *sou* um rato de esgoto das docas da Coelheira — salientou Kel.

— Hoje não — replicou Bensimon.

Kel foi levado até ao tepidário: uma gigantesca câmara com duas piscinas de pedra escavadas no chão de mármore. Uma janela em rosácea dava para o clarão noturno de Castellane. Kel tentou manter os olhos no horizonte enquanto se limpava e esfregava com uma minúcia feroz. A água escorria castanho-escura para o ralo.

Kel pensou se iria confiar naquele Bensimon e decidiu que não. Bensimon dissera que o Príncipe estava doente — indisposto —, mas Jolivet fora ao Orfelinat um mês antes. Nessa altura não podia saber que o Príncipe Herdeiro iria adoecer naquela noite e que precisaria de um substituto.

E a ideia de que seria mandado para casa no fim da noite com um saco de ouro também não fazia muito sentido. Havia uma lenda muito

conhecida no Labirinto sobre o Rei Trapeiro, o criminoso mais famoso de Castellane. Dizia-se que ele, certo dia, convidara três criminosos rivais para a sua mansão e que lhes servia um esplêndido jantar, oferecendo-lhes uma parceria no seu império ilegal. Mas nenhum deles concordou com nada, e no fim da noite, o Rei Trapeiro teve, infelizmente, de envenenar os seus convidados com o argumento de que agora eles sabiam demasiado sobre as suas atividades. (Pagou gloriosos funerais aos três, contudo.)

Kel não conseguia deixar de sentir que já lhe tinham dito muitas coisas que ele não deveria saber, e ainda iria saber mais. Tentou pensar no que faria se estivesse a jogar um jogo com Cas, mas não conseguiu imaginar melhor estratégia do que manter a cabeça baixa.

Após o banho, foi espanado, perfumado, calçado e vestido com uma casaca de cetim azul-aço com botões nos punhos e na gola. Deram-lhe calças de veludo tão macias como pelo de rato. Apararam-lhe o cabelo e enrolaram-lhe as pestanas.

Quando finalmente se viu ao espelho que revestia toda a parede oeste, pensou, com uma sensação de desânimo, que se alguma vez saísse às ruas do Labirinto naqueles preparos, seria espancado de todas as maneiras pelos Rastejantes e treparia pelo mastro fora do Tully.

— Deixa de arrastar os pés — disse Bensimon, que passara a hora anterior a observar o que se passava de um canto, nas sombras, do quarto, qual falcão a planear a sua descida sobre uma família de coelhos. — Vem cá.

Kel aproximou-se do Conselheiro e os restantes criados do Palácio esfumaram-se como nevoeiro. Num instante ficou sozinho com Bensimon, que o agarrou pelo queixo, inclinou a cabeça para cima e o inspecionou sem cerimónias.

— Diz-me mais uma vez o que vais fazer hoje.

— Vou ser o Co... o príncipe Conor. Vou-me sentar à mesa do banquete. Sem dizer grande coisa.

Aparentemente satisfeito, Bensimon largou-o.

— O Rei e a Rainha sabem quem tu realmente és, claro; não te preocupes com eles. Estão ambos habituados a representar papéis.

A imaginação de Kel não chegara tão longe.

— O Rei vai fingir que eu sou filho dele?

Bensimon bufou.

— Eu não ficaria assim tão excitado — disse ele. — Muito pouco disto tem a ver contigo.

Kel sentiu-se aliviado. Se as pessoas importantes o ignorassem, talvez ele conseguisse chegar incólume ao fim da noite.

Bensimon conduziu Kel novamente até ao labirinto de corredores que, pelos vistos, constituíam o interior do Palácio. Seguiram por umas escadas de serviço até uma divisão pequena mas elegante cheia de livros; na outra extremidade havia uma porta dourada alta, através da qual Kel conseguia ouvir música e risos.

Pela primeira vez, o coração de Kel teve um sobressalto de desejo real. *Livros.* O único material de leitura que ele alguma vez tivera eram uns romances foleiros doados ao Orfelinat por patronos caridosos, agradáveis histórias de piratas e fénix, feiticeiros e marinheiros, mas claro que não lhe *pertenciam*. Os livros de estudo — histórias de impérios caídos, da construção das Rotas do Ouro — estavam trancados pelas freiras e só saíam para ser lidos durante as aulas. Uma vez, recebera de um mestre de navio um velho livro de contos, como paga por ter levado uma mensagem, mas a irmã Jenova confiscara-o. Dizia que os marinheiros só liam duas coisas: histórias de assassínios e pornografia.

Aqueles livros eram bonitos como o Sol a mergulhar além de Tyndaris. Kel sentia o cheiro do couro que os encadernava, a tinta das páginas, o amargor do triturador onde o papel era feito.

Bensimon observava-o com os olhos semicerrados, como um apostador profissional olhava para a meta.

— Mais tarde podes ler. Gostas?

Kel não precisou de responder. Duas pessoas tinham entrado de rom-pante na sala, rodeadas de guardas do castelo, e ele ficou atordoado a ponto de se calar.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi que aquelas pessoas eram as mais bonitas que ele já vira. Depois perguntou-se se seria por estarem impecavelmente arranjadas e por as suas roupas serem tão encantadoras. Ele ainda não conhecia as palavras para «seda», «cetim» e «tecido de ouro», mas sabia quando as coisas tinham um aspeto rico e macio, e reluziam à luz do fogo.

O Rei era-lhe familiar: não seria de surpreender, visto o seu rosto estar em todas as moedas de Castellane. Nas moedas estava de perfil, a olhar para a direita, na direção da inconquistada Sarthe, assim rezava a lenda. Mas as moedas não lhe mostravam a largura, o seu peito cilíndrico ou os braços de lutador. Fez Kel titubear perante o seu tamanho e a sua presença.